

EXPERIÊNCIAS DO PIBID CONTA UM CONTO NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR FRANCISCO DE MELO JABORANDI: DIVERSIDADE ÉTNICA EM FOCO

Bárbara de Oliveira Lima Rodrigues¹
Maria Auxiliadora Henrique Barbosa²
Roberlúcia Rodrigues Alves³
Tânia Serra Azul Machado Bezerra⁴

RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência com referenciais teóricos de autores que dissertam sobre letramento e negritude. Surgiu a partir das intervenções realizadas pelos bolsistas nas turmas do 4º e 5º ano do ensino fundamental por meio do projeto PIBID Conta um Conto, que se apresenta como uma importante iniciativa de multiletramento. O conto escolhido aborda aspectos sociais, étnico-raciais, contribuindo para que as crianças através dele, consigam perceber o contexto social, cultural em que estão inseridas. Traz também reflexões sobre os conflitos da sociedade como um lugar de equidade, construção de conscientização no assunto diversidades e a visibilidade das discriminação decorrentes. O objetivo do presente trabalho é relatar essa experiência e fazer reflexões a partir dela. Como resultados vimos contribuições para a mudança cultural de depreciação da beleza negra no ambiente escolar, uma maior preocupação dos educadores por trazer textos com essa temática à sala de aula e contribuições substanciais para formação dos bolsistas de iniciação a docência.

Palavras-chave: Letramento, PIBID, Relações Étnico-raciais, Diversidade.

INTRODUÇÃO

O Projeto PIBID Conta um Conto, implementado na Escola Municipal Professor Francisco de Melo Jaborandi, contempla crianças tanto da Educação Infantil, como Ensino Fundamental (até o 5º ano), objetiva a criação de experiências no cotidiano escolar que possibilitem o letramento, incentivo para a leitura, criando assim um campo propício à criatividade e interpretação leitora. Essa iniciativa advém de uma construção coletiva

¹Graduada em Serviço Social pela Universidade Anhanguera - UNIDERP. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Bolsista do Programa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES. Contato: barbaraolr15@gmail.com.

²Graduada em Pedagogia pela universidade vale do Acaraú. Especialista em Educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio na modalidade educação de jovens e adultos no Centro federal de educação tecnológica do Ceará. Supervisora do Programa de Iniciação à Docência - PIBID/CAPES. Contato: cilinhahenrique@hotmail.com

³ Graduada em Pedagogia (UECE). Especialista em Psicologia Organizacional do Trabalho (UECE). Mestre em Educação (UECE). Supervisora do Programa de Iniciação à Docência- PIBID/CAPES. Professora Efetiva da Rede Municipal de Fortaleza. Contato: roberluciar@yahoo.com.br

⁴Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará, Pós-doutora em Ciências da Educação pela Universidade do Porto, Doutora e Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, Coordenadora de Área do PIBID/CED/UECE/CAPES. Comtato: tanciasamb@hotmail.com.

envolvendo crianças, professores, gestores da escola e bolsistas do Programa de Iniciação à Docência – PIBID.

O Projeto PIBID Conta um Conto insere-se em uma iniciativa maior, o Projeto Valores, que almeja socializar, mensalmente, questões éticas, que tragam reflexões sobre relações interpessoais de maneira que possibilita uma conscientização sobre respeito, diversidade, amor, amizade, valorização de si e dos outros sujeitos. Nesse contexto, tenta-se por meio de histórias que dialoguem com as vivências das crianças, que sejam significativas ao contexto que estão inseridas, propiciar problematizações acerca das injustiças, abordagem sobre valores e ampliação do conhecimento de mundo.

A prática de multiletramento por meio da contação de histórias é, por vezes, muito menosprezada e negligenciada nos anos iniciais do ensino fundamental, sendo mais presente, na educação infantil. Sousa e Bernardino (2011, p. 236) afirmam que: “As instituições educacionais recusam um trabalho diferenciado com a leitura, porque a contação de histórias se distancia dos métodos das avaliações.”

Não se pode medir notas ou conceitos quando contamos ou ouvimos um conto e a escola tem dificuldades em trabalhar com aquilo que não pode ser avaliado. Tal dificuldade é vista até mesmo com a literatura infantil, que perde a sua beleza quando o texto se transforma em uma ferramenta avaliativa, fazendo com que o prazer da leitura se perca com a avaliação. O fracasso escolar no ensino fundamental se refere ao desenvolvimento pelo gosto da leitura e formação de leitores, que recai sobre a forma como o professor está trabalhando a relação do livro com o aluno. A literatura não está recebendo um estímulo adequado e a contação de histórias é uma alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura, e não uma tarefa rotineira escolar que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos para as provas, afastando o aluno do prazer de ler. (SOUSA E BERNARDINO, 2011 p. 236).

No entanto, a Escola Municipal Professor Francisco de Melo Jaborandi compromete-se com esse incentivo à leitura também no ensino fundamental, uma vez que o corpo docente percebe que o exercício da leitura, de forma contextualizada com os interesses, realidades das crianças, pode além de despertar o seu interesse, tendo-a como uma atividade de prazer, possibilita também a melhoria das práticas de convivência, quando se introduz histórias que tenham como mensagem a defesa de atitudes empáticas e amorosas.

Além dessas questões centrais, há uma preocupação presente acerca dos assuntos referentes ao preconceito racial, já que a escola, localizada em um bairro com o 10º pior Índice de Desenvolvimento Humano de Fortaleza, (FORTALEZA, 2014, p. 7) é um espaço que tem como perfil de estudantes, crianças, majoritariamente negras ou pardas, que sofrem

historicamente diversos tipos de violência, inclusive racial e simbólica. Sendo assim, é essencial visibilizar histórias que representem as mesmas. Esse resumo expandido almeja relatar a experiência do PIBID Conta um Conto no enfoque às relações étnico-raciais abordadas nas atividades referentes à história Menina Bonita do Laço de Fita, da autora Ana Maria Machado.

METODOLOGIA

Metodologicamente este texto resulta de um relato de experiência diante de nossa inserção na escola a partir do PIBID/UECE, como também, realizamos levantamento bibliográfico para cruzamento de fontes de França (2008), Sousa e Bernardino (2011), Gomes (2002), Munanga (2005), Jovino (2006) e Quadrado (2015).

Minayo (1998) interpreta o ato da pesquisa como um exercício permanente de busca pelo conhecimento do objeto de estudo. Compreendendo a dinâmica complexa de transformação da sociedade, estudá-la representa um grande desafio já que “toda compreensão é parcial e inacabada” (MINAYO, 2012 p. 623).

A escola, como parte da complexidade presente na esfera social, traz consigo diversidade, elementos múltiplos nas ações cotidianas. Tentando compreender essa dinâmica com o olhar direcionado à atividade pedagógica construída, buscamos no presente estudo, entender, de maneira crítica, o conteúdo do livro “Menina Bonita do Laço de Fita” por meio de um estudo bibliográfico, bem como sua justificativa para trabalhá-lo na escola, pensando nas especificidades dos educandos. Além disso, estamos em busca de analisar os impactos das nossas ações pedagógicas, como experiência amplificadora de saberes.

MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA E A VISIBILIZAÇÃO DA BELEZA NEGRA

A história Menina Bonita do Laço de Fita é sobre um coelhinho branco que sonha ser bonito como a menina. Para isso, pergunta repetidas vezes o que fazer para ter uma pele que nem a dela: escura e lustrosa como o pêlo da pantera negra na chuva (MACHADO, 2004).

A história, aparentemente, acontece em um universo onde não existe a depreciação dos corpos das pessoas negras, ou em um contexto onde o coelho branquinho represente um personagem livre de padrões de beleza eurocêtricos internalizados, já que a menina é para ele o ser mais lindo que ele já vira, querendo até mesmo mudar sua cor para parecer com a dela.

Há um momento da narrativa, onde a mãe da criança intervém nos diálogos entre o coelho e a menina, dizendo que as características físicas são oriundas de seus familiares. Nessa parte do livro, as ilustrações mostram a mãe e a menina observando sorridentes a foto da avó. Essa ilustração demonstra um sentimento de orgulho de suas ancestralidades, de carinho associado ao pertencimento a uma família negra e também um fortalecimento da identidade de ambas. Nesse contexto, é notório que a referência principal é a negritude, sendo o coelho um personagem que não segue o padrão:

Nesse sentido, a figura do coelho torna-se relevante uma vez que representa o diferente, o branco. Em relação à temática da obra, essa personagem desenvolve uma função importante: a de adorador da cor preta. A inserção desta personagem, visivelmente apaixonada pela menina negra, não apenas supervaloriza os traços físicos do negro como instaura um processo de idealização das relações inter-raciais e da mestiçagem. (FRANÇA, 2008, p. 120).

No decorrer da história, o coelho percebeu que não podia mudar sua cor, então resolveu buscar uma coelha preta para casar e ter, quem sabe, uma filha pretinha que nem a menina. E assim o fez. No final da história, o casal de coelhinhos tiveram coelhos de todas as cores, inclusive uma filha pretinha que idealizaram. Dessa forma, a história coloca a negritude como um desejo, um desejo de ser, ter uma esposa negra, ter uma prole negra etc.

A temática da negritude participa da estruturação do livro, pois, do começo ao fim da narrativa, este fator externo interfere tanto no movimento de auto-aceitação como no sentimento de desejo, ou seja, a cor preta é transformada no “objeto-valor” da narrativa. A busca pela cor preta, ao constituir o motivo dinâmico gerador do conflito, funciona como um mecanismo estruturador, ou ainda como integrante da própria estrutura. (FRANÇA, 2008, p. 119).

Outro destaque importante, é que na história, há uma parte em que a mãe faz tranças no cabelo dela, colocando laços de fita bem bonitos. A ilustração mostra um momento feliz, de carinho, afeto, construção de autoestima. Após o ritual, autora a compara com uma princesa das terras da África ou fada do Reino do Luar. (MACHADO, 2004).

Essa interação entre mãe e filha com os cuidados com o cabelo é muito presente no cotidiano das meninas com cabelo afro. Essas experiências são marcadas, muitas vezes por sofrimento, já que muitas relatam que a cabeça dói por conta dos puxões. “Talvez esse seja um dos motivos pelos quais algumas dessas mulheres preferam adotar alisamentos e alongamentos na atualidade. A sensação de ter o cabelo constantemente desembaraçado e de não precisar sofrer as pressões do pente ou os puxões para destrançar o cabelo [...]” (GOMES, 2002, p. 43).

A história, no entanto, coloca esse momento como um prazer, não sofrimento, ao mesmo tempo, também, introduz as tranças como elemento cotidiano da menina e característico de sua cultura, valorizando-as.

CONSTRUÇÃO, DISCUSSÕES E RESULTADOS DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

As metodologias utilizadas para materialização da proposta de envolvimento das crianças com o livro paradidático se deram a partir de uma peça teatral apresentada após a chegada dos educandos. Os personagens da história foram representados por bolsistas do PIBID. Além dessa iniciativa, a história foi recontada em sala de aula das turmas de 4º e 5º ano, de maneira dialogada, tentando ativar seus conhecimentos prévios para que a leitura se torne ainda mais significativa. Após os diálogos, fizemos também um jogo de perguntas e respostas, tentando assim recuperar as memórias sobre o vivido.

A peça teatral se deu como uma contação de histórias com dramatização simultânea. As crianças puderam visualizar de maneira concreta os personagens da história e posteriormente comparar com o livro e suas ilustrações. Fizemos o uso de diferentes recursos visuais, tentando ambientar ao máximo o espaço à narrativa. O pátio foi o ambiente eleito, onde se reuniram professores do 4º e 5º ano, educandos dessas turmas, funcionários e os bolsistas do PIBID.

A história foi inicialmente sugerida pela Professora Supervisora Auxiliadora e os bolsistas gostaram da ideia de adaptá-la para uma peça teatral. Todos lemos coletivamente e adaptamos o texto de forma criativa. Posteriormente nos reunimos para criar manualmente a ambientação. Utilizamos papelão, tinta, EVA, para fazer uma árvore. Utilizamos EVA azul para fazermos as gotículas de chuva em um guarda-chuva. Utilizamos um tecido preto para simbolizar o banho na lata de tinta preta.

Essa história foi escolhida porque visibiliza e valoriza a beleza das pessoas negras, suas cultura e ancestralidade. Essa prática é essencial, já que vivemos em um país com raízes extremamente racistas, que historicamente escravizou, subalternizou o povo negro e, em decorrência a esse passado, ainda revela preconceito racial, desvalorizando o corpo negro também esteticamente.

A escola deve ser um espaço para práticas inclusivas e isso só é possível com a contribuição do rompimento da cultura excludente. Ter a pele negra também como referência de beleza, é uma forma de contribuir para a construção da autoconfiança e mudança dos padrões estéticos eurocêntricos.

Na maioria das histórias infantis, como contos de fadas, por exemplo, a representação de personagens negras é raríssima, existindo uma hegemonia branca e fortalecimento de um padrão de beleza branco. Essas histórias ocupam, de uma maneira geral, muito mais o imaginário das crianças que histórias que fazem parte do patrimônio histórico cultural nacional com narrativas de protagonismo negro. Sendo assim, esses padrões eurocêntricos de beleza são adotados por meio dessa importação, como uma colonização cultural:

Algo interessante para refletirmos é o fato de nos serem dados a conhecer a literatura sempre a partir de um referencial europeu. Fomos acostumados às diversas adaptações de contos de fadas como Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Joãozinho e Maria, Branca de neve ou às diversas histórias do livro Mil e uma Noites. (JOVINO, 2006, p. 183).

Por outro lado, as histórias que colocam personagens negros como principais, embora sejam raras, apresentam um estereótipo muito forte de negro em posição de extrema exploração. O livro rompe com o padrão representativo das pessoas negras na literatura infantil brasileira, uma vez que diverge da aparição da negritude vinculadas a escravidão, naturalizando, não dificilmente, o sofrimento desse grupo minoritário. (MUNANGA, 2005).

Cristalizar a imagem do estado de escravo torna-se uma das formas mais eficazes de violência simbólica. Reproduzi-la intensamente marca, numa única referência, toda a população negra, naturalizando-se, assim, uma inferiorização datada. A eficácia dessa mensagem, especialmente na formatação brasileira, parece auxiliar no prolongamento de uma dominação social real. O modelo repetido marca a população como perdedora e atrapalha uma ampliação dos papéis sociais pela proximidade com essa caracterização, que embrulha noções de atraso. (MUNANGA, 2005, p. 103).

É importante destacar a relevância de se trabalhar com outras representações que fujam desse estigma no intuito de contribuir para a construção da identidade. Essa construção é um desafio uma vez que nossa sociedade “[...] historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo”. (GOMES, 2003, p. 171).

O teor positivo da representação trouxe alegria para as crianças, pois se divertiram e se envolveram sensivelmente com a história. Notamos, no exercício de perguntas e respostas que elas estavam visivelmente empolgadas. Foi possível observar também que nas perguntas feitas sobre a compreensão dos textos, elas demonstraram maior facilidade e interesse em solucioná-las.

A experiência da dramatização foi um exercício desafiador de adaptação e criatividade de nós bolsistas de iniciação a docência. Ao estudarmos o livro paradidático, seus diálogos, fizemos pequenas adaptações que possibilitaram a atualização do texto perante as discussões presentes no movimento negro. Adaptamos, por exemplo, o uso da palavra mulata, por

mulher negra, uma vez que: “a terminologia “mulata” tem origem extremamente pejorativa, vem da denominação de mula, uma cruzada entre éguas e jumentos. No caso seria uma forma de “higienização” da sociedade, através do “sangue branco”, mas preservando a sensualidade e malícia da negra.” (QUADRADO, 2015, p. 6).

Fizemos também outra adaptação que consideramos que subverte um papel socialmente construído e que consideramos ser relevante uma reflexão sobre sua imposição na coletividade. Em um momento do livro, é dito que a mãe faz tranças no cabelo da menina, colocamos o pai, na peça de teatro, para fazer tal tarefa. Sabendo que a tarefa do cuidado é culturalmente atribuída à mulher, trazer esse exemplo, mostra às crianças outras possibilidades de atuação fora dos estereótipos de gênero.

Fazendo a leitura dialogada do livro paradidático na sala de aula, as crianças logo perceberam a diferença entre o livro e a peça apresentada. Todavia, ao lermos a parte em que a mãe da menina cuida de seu cabelo, fizeram uma objeção relatando que na peça quem cuidava dos cabelos da menina era o pai. O curioso é que, até onde conseguimos perceber, o estranhamento das crianças foi maior ao ver que é a mãe que cuida dos cabelos da menina e não o pai. Em nossa observação não notamos o estranhamento presente durante a peça, do papel do pai como cuidador. Ou seja, a experiência do “pai cuidador” parece presente no cotidiano das crianças envolvidas.

A experiência da peça pareceu ser algo muito vivo em suas memórias, porquanto, mesmo fazendo a leitura dialogada por meio do livro duas semanas depois da apresentação da peça, eles identificavam todas as diferenças e ficavam surpresos com as mudanças. Um exemplo disso é que substituímos na dramatização a jabuticaba, que é uma fruta que poucos conhecem, por chocolate, que é muito mais familiar às suas vivências. Quando lemos que o coelho comeu muita jabuticaba as crianças se manifestaram: “não é chocolate?”

A partir dessas observações direcionadas às interpretações que as crianças demonstraram ao longo do processo, inferimos que o ato de termos iniciado as atividades de multiletramento de maneira lúdica, com a peça teatral, trouxe encantamento, suscitando interesse para as atividades propostas em outros momentos.

Concluimos que estes momentos lúdicos, em que as crianças se divertem, interagem e participam de experiências impregnadas de sentidos e próximas a seus universos simbólicos, são espaços/tempos em que demonstram maior envolvimento e interesse, atribuindo, assim, significados para tais aprendizagens, marcando, portanto, suas memórias cognitivas positivamente. Esse interesse se expande para outras narrativas, outros gêneros textuais com o predomínio de outras tipologias, uma vez que a criança conseguiu associar de maneira

positiva o ato ler e conhecer histórias, instigando a curiosidade para amplificação desses conhecimentos adquiridos por meio das atividades multiletradas.

Percebemos o quanto a expressão lúdica é de suma importância para a infância. Todas as vezes que nos dedicamos a apresentar uma dança, dramatização ou outras atividades culturais com objetivo pedagógico, vimos o comprometimento das crianças, mostrando-se imersas no processo. No ensino fundamental, é presente uma forte negligência de atividades assim nas escolas de uma maneira geral, contudo a Escola Municipal Francisco de Melo Jaborandi tem se oposto a essa tendência, mostrando outros modelos de ensinar e aprender afetivamente e divertidamente.

Essa vivência é ainda mais empolgante, não só para os estudantes, como também para os professores, quando é intrínseco, pedagogicamente, questões que possibilitam um outro olhar de mundo, de maneira mais empática, humanizada. Esse é o objetivo do Projeto PIBID Conta o Conto e têm se mostrado uma potência na promoção de uma cultura escolar mais respeitosa. Almejamos que o que fora apreendido durante as atividades, se expanda para a vida em sociedade dos educadores e educandos.

Ademais, identificamos que a temática de visibilização das relações étnico-raciais tornou-se ainda mais recorrente no âmbito escolar. Os professores puderam, utilizando como uma das referências, nossa intervenção, fazer o uso de outras ações condizentes com a temática, visto que perceberam a relevância da questão e o retorno positivo das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de fazer esse relato de experiência nos trouxe relevantes reflexões, já que por meio dessa sistematização, conseguimos analisar nossas ações na comunidade escolar por meio da vivência do trabalho de multiletramento do PIBID Conta um Conto. É motivador nos depararmos com o que contribuímos na produção coletiva desta experiência, trazendo um conhecimento importantíssimo para nossa formação como futuros pedagogos. A possibilidade de conseguir essa sabedoria prática é algo extremamente importante e deveria ser mais cultivado dentro da universidade.

O projeto PIBID Conta um Conto nos trouxe grandes valores em nossa prática pedagógica e uma preocupação direcionada às relações étnico-raciais. Seria contraditório que numa escola, onde boa parte das crianças são negras, não se sentissem representadas com as histórias contadas, já que não apresentam suas características físicas e culturais. Ou pior, quando apresentam é reforçando estereótipos com histórias tristes. Fazendo um exercício de

empatia, essas representações podem gerar um desconforto, baixa autoestima e problemas com a construção de suas identidades. Esse, infelizmente é um problema que ainda acontece nas escolas, mas que queremos contribuir para a ruptura com experiências assim: de valorização cultural e estética.

Após o entendimento sobre a importância de um conto que nos possibilitou a necessidade de conviver com a diversidade, vimos a relevância que essa discussão tem. Não se deve tolerar a diversidade, mas sim amá-la, já que o ser humano aprende com o outro e isso só é possível porque somos diferentes e podemos somar esses saberes na convivência dialógica com o outro. A escola, como espaço de inclusão, deve tentar criar possibilidades para efetivação da mesma e isso só é possível com a visibilização dessas questões.

Nós alunos do PIBID, tivemos de sair da nossa zona de conforto, notando as vivências de nossos alunos ao se depararem com outros paradigmas, dado que trouxemos à tona, de uma maneira leve, um tema que além de muito relevante, é tabu. No atual contexto sociopolítico de extremo conservadorismo, com tentativas de censura, como no programa Escola Sem Partido, não se acovardar na execução de abordagens progressistas, problematizadoras, é um ato de resistência.

Essa prática será um conhecimento de extremo valor, não só para o exercício do magistério, mas como algo que possa acrescentar em toda a nossa vida, como ser humano, que vivendo em sociedade, sabe da importância de viver respeitando a diversidade.

Essa experiência também contribuiu para os professores que ali estavam presentes, uma vez que esse posicionamento e essa preocupação é fundamental advindo dos educadores, já que a neutralidade não é uma opção, afinal, o não se posicionar, é estar contribuindo para reforçar uma cultura excludente e opressora. Como acreditamos numa educação emancipatória, pensamos que o exercício de se engajar e incorporar essas preocupações no cotidiano escolar podem possibilitar a construção conjunta de uma consciência que serve para intervir na realidade, contribuindo na formação de um mundo melhor para todos.

REFERÊNCIAS

FORTALEZA. Prefeitura de. Desenvolvimento Humano, por Bairro em Fortaleza. Fortaleza. 2014. Disponível em: <<https://pt.calameo.com/read/0032553521353dc27b3d9>>. Acesso em 19 de set de 2019.

FRANÇA, Luiz Fernando de. Desconstrução dos estereótipos negativos do negro em Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado, e em O menino marrom, de Ziraldo. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 31, p. 111-127. Brasília, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e pesquisa, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.

_____. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos e/ou ressignificação cultural? Revista Brasileira de Educação, nº21, Rio de Janeiro, p. 40-51, 2002.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). Literatura Afro-Brasileira. Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006

MACHADO, Ana Maria. Menina bonita do laço de fita. São Paulo: Ática, 2004

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde 5. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1998.

_____. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. Ciência & saúde coletiva, v. 17, p. 621-626. Rio de Janeiro, 2012.

MUNANGA, Kabengele. (Org.) Superando o Racismo na Escola. Brasília: MEC, 2005.

QUADRADO, Beatriz Floôr. Estética E Política: A Relação Da Mulher Negra e um Concurso De Miss Mulata Na Desconstrução Do Racismo. XVIII Simpósio Nacional de História: Anais Eletrônico. Florianópolis, 2015.

SOUZA, L.O.; Bernardino, A.D. (2011). A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. Educere et Educare. Revista de Educação. Vol. 6 nº 12 jul./dez. Cascavel, 2011 p. 235-249.